

**ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MUNDO “MIXTO”¹ DA CUIABANA – ZULMIRA
D’ANDRADE CANAVARROS (1895-1961)²**

Viviane Gonçalves da Silva³ - PPG-UFMT

Centramos aqui atenção especial na cuiabana Zulmira D’Andrade Canavarros (mais conhecida como Zulmira Canavarros), no intuito de abordar seu universo profissional e familiar, e no sentido de trazer subsídios a respeito de sua “performance” cultural. Tida por parte daqueles que a conheceram como uma mulher que liderava movimentos culturais no âmbito da música e das artes cênicas, chama-nos à atenção o fato de suas criações não terem alçado outras fronteiras. Contudo, cabe observar que Zulmira Canavarros acompanhava o andar das demais mulheres cuiabanas, em consonância com as manifestações artísticas de outras regiões do país e do mundo, a exemplo do cinema mudo, do rádio, da música, do teatro e das letras⁴. Desvincular Zulmira Canavarros das profícuas manifestações culturais promovidas pelas mulheres letradas da época, seria retirar delas uma parcela do que juntas significaram e/ou representaram para a então ainda pequena Cuiabá, cidade que soube degustar das jovens senhoras e senhoritas as ricas contribuições advindas do movimento. O recorte espacial e temporal deste estudo encontra justificativa no ano de 1895, quando ocorre o nascimento de Zulmira Canavarros e tem como desfecho 1961, ano do seu falecimento.

Na época em que Zulmira viveu, o papel da mulher no contexto social brasileiro e, de forma mais ampla nas sociedades ocidentais, esteve relacionado à maternidade, ou seja, relegado à esfera privada. Estas questões estão atreladas a problemáticas da história ocidental onde a divisão do trabalho, com tarefas distintas a serem ocupadas por homens e mulheres, aliadas às instituições religiosas e conceitos morais contribuíram para estabelecer as definições de espaços entre as esferas pública e privada relacionadas aos sexos masculino e feminino.

Circunscritas ao âmbito do privado, as mulheres, acompanharam dentro do limites sociais e morais a elas impostos, as mudanças ocorridas, e passaram gradativamente a ocupar os

espaços no âmbito da esfera do público, a exemplo de Zulmira Canavarros, que mesmo casada, conseguiu realizar-se também na parte profissional.

Para Eni de Mesquita Samara, provavelmente houve um certo exagero dos estudiosos ao estabelecerem o estereótipo do “marido dominador” e “da mulher submissa”. As variações nos padrões de comportamento de mulheres provenientes dos diferentes níveis sociais indicam que muitas delas trouxeram situações de conflito para o casamento, provocadas pela rebeldia ou insatisfação. Ao nosso ver, as imagens são contraditórias e os estereótipos, em muitos aspectos, irreais. Estes últimos seriam apenas mitos? Existiu realmente o ideal de passividade feminina?⁵

Cynthia Roncaglio⁶, analisa a oscilação persistente entre as reivindicações das mulheres e as recusas da sociedade tradicional, que as desejava distantes da esfera pública e da prática política. Reitera que as profissões extradomésticas possibilitaram às mulheres a conquista do seu espaço na sociedade, sendo umas dessas funções extradomésticas, o magistério, que além de ter contribuído para a emancipação forneceu-lhes autonomia financeira.

O magistério contribuiu para a sobrevivência de muitas mulheres, e do sustento de suas famílias. No entanto, diversas dessas mulheres tiveram que optar entre o magistério ou o casamento. Quando se optava pela profissão de educadora, com dedicação exclusiva, a mulher era representada por professora solteirona, “figura severa, de poucos sorrisos, cuja afetividade estava de algum modo escondida”.⁷

Assim, podemos afirmar que educação e arte caminharam juntas, possibilitando as mulheres: autonomia financeira, profissionalização, participação social e o ingresso na vida pública e uma certa igualdade com os homens, sem, no entanto, deixarem de ser mulher, mãe ou dona-de-casa. No caso de Zulmira Canavarros, pontuamos que, ela de certa forma soube articular a vida do lar com os anseios e as aspirações da vida pública.

De acordo com Mary Del Priore⁸, as relações entre as duas esferas: pública e privada, não se dão mais num senso único de dominação de uma esfera por outra, mas realizam-se numa relação de articulação entre dois pólos entre os quais existe uma dialética constante. Não se trata de discutir o espaço público em oposição ao privado, mas de tentar perceber qual a natureza do

espaço que diferentes grupos sociais ocupam. Trata-se, ainda, de interpretar os usos e representações que fazem os diferentes grupos sociais deste espaço.

O ser mulher estava cercado de um discurso ideológico que acabou por desumanizá-la como sujeito histórico e, ao mesmo tempo, criando estereótipos, convertendo-as em regidos papéis sociais. A apresentação do comportamento feminino limitou-a ao “recôndito do lar”, desempenhando o papel de “rainha do lar”, representado por um tripé: *mãe, esposa e dona de casa*.

O imaginário da boa mãe, esposa dedicada e dona de casa, como principal e mais importante função da mulher satisfazia aquilo que era fixado pela Igreja, ensinado por médicos e juristas, legalizado pelo Estado e publicado pela imprensa⁹. Mais que isso, essa tal representação acabou por recobrir o “ser mulher”, e sua relação com as obrigações passou a ser medida e avaliada pelas prescrições do lar feliz, espaço ideológico estabelecido como privado.

No entanto, através da escrita e da ligação com as artes como a música, a literatura e o teatro, foi que conquistaram outros espaços, reivindicando esses anseios nos periódicos que dirigiram, destinados ao “belo sexo”. Neste sentido, parte-se da premissa que as expressões artísticas e associativas possibilitaram às mulheres a conquista de espaços públicos, como foi o que ocorreu com Zulmira Canavarros.

Filha única do casal Gabriel de Andrade e Luiza Cuiabano de Andrade, Zulmira d’Andrade Canavarros nasceu em Cuiabá no dia 14 de novembro de 1895. Seu pai era fotógrafo e sua mãe costureira. Não é de surpreender que desde pequena, fora muito fotografada pelo pai. Numa dessas fotografias, destacamos Zulmira trajada com roupas de menino, “de calçola, camisa e botas”, assim descrito por Benedito Pedro Dorileo como: “um desejo contido do pai em ter filho ao invés de uma menina”¹⁰. Em meio a um ambiente onde a arte pareceu fazer parte do cotidiano, com o pai fotografando e revelando em laboratório próprio as fotos, bem como a mãe, desenhando com lápis coloridos os moldes das roupas em papéis, recortando os tecidos e transformando-os em peças, armadas em vestidos, saias, chapéus, blusas, casacos, etc, partes do vestuário feminino, cresceu Zulmira compondo o seu modo criativo de ser e de relacionar-se com as

pessoas. Aqueles que a conheceram dotam-na de graciosas habilidades manuais, demonstradas em surpreendentes trabalhos, como poucas mulheres à época realizavam.

Durante a infância, Zulmira Canavarros e seus pais moraram na Rua de Cima, atual Rua Pedro Celestino, uma das ruas mais centrais da capital de Mato Grosso, espaço de acontecimentos e de festividades. Em 1903, com apenas oito anos, Zulmira apresentara-se publicamente no teatro da Sociedade Dramática Amor a Arte¹¹, com um teatrinho de bonecos de panos, confeccionados sob a orientação da mãe, dando-lhes vida ao apresentá-los. Essa atividade iria fazer parte de sua vida de adolescente e de adulta, pois, em 1909, aos 14 anos, Zulmira liderou a criação de um grupo de teatro amador, com algumas de suas contemporâneas, tais como: Alcemena Canavarros, Felenila da Silva, Jacintha de Siqueira, Vigília, Orítia, Aricina e Ester. Ao que consta, “todas dividiam o tempo em estudos humanísticos no Liceu Cuiabano, com aulas de música com a professora Judith Catilina e dedicação ao teatro amador”.¹²

Zulmira Canavarros casou-se no civil aos 20 anos, com Danglars Canavarros¹³, maçom, no dia 18 de março de 1915, e somente no ano de 1935 no religioso, atendendo ao que parece ao costume da maioria da população, numa evidente manifestação de religiosidade. O casamento ocorreu na Igreja Nossa Senhora do Bom Despacho, em cerimônia celebrada pelo Arcebispo Dom Francisco Aquino Corrêa¹⁴. A demora para o desfecho do casamento religioso, pode encontrar explicação no fato de Danglars não praticar a religião católica.

Maria Luiza, filha única de Zulmira Canavarros, nasceu dez anos depois, no dia 10 de fevereiro de 1925, quando suas atividades artísticas já eram reconhecidas na capital do Estado de Mato Grosso.

Concomitante a atividade de professora de piano particular, Zulmira Canavarros também atuava no magistério, sendo professora primária do Grupo Escolar Senador Azeredo e, por volta de 1930, foi professora da cadeira de Música, Canto Orfeônico e Trabalhos Manuais do Liceu Cuiabano, chegando a aposentar-se na carreira do magistério.

Importa lembrar que em Cuiabá, aproximadamente em 1910, ocorreram as primeiras exibições cinematográficas no chamado *Cinema Mundial*, porém foi o *Cine Parisien*, criado em

1912, pelo Sr. Manoel Bodstein, que fora considerado o primeiro cinema oficial de Cuiabá como afirma Aníbal Alencastro¹⁵. Os filmes estrelados neste cinema, de início eram de curta metragem ou documentários. Na década de 1920, porém, os filmes exibidos já apresentavam algum enredo. Zulmira Canavarros tocava piano no *Cine Parisien* praticamente todas as noites, dando vida ao cinema mudo, juntamente com sua orquestra, composta por Honório Simarinho, Agnelo e Eugênio, formando o conjunto musical do cinema sem som na década de 1920. A princípio, a programação do Cine Parisien era composta também por documentários. As películas recebiam o toque musical de Zulmira Canavarros, pois se uma cena era tida como infeliz, inspirava na artista uma valsa triste, se alegre as músicas eram bem animadas, emocionando a platéia que ali estava.

Zulmira Canavarros também envolveu-se com a organização dos carnavais cuiabanos como bem nos descreve Marta Catunda¹⁶, assim registrado, “graças aos esforços da professora Zulmira Canavarros, são instituídos concursos de canções carnavalescas”. A programação cultural ficava a cargo de José Rabelo Leite e Luís Atílio e a realização dos concursos por conta de Zulmira Canavarros.

Este foi um dos momentos em que Zulmira Canavarros coordenou e realizou inúmeros concursos de músicas carnavalescas, e compôs vários sambas, a exemplo dos que seguem : “*Antônio João*”, “*Clube Feminino*”, “*Algodão*”, “*Menina do amor*”, “*Samba da saudade*” e “*Auri*”.

Nesse sentido, observamos que a rádio *Voz D’Oeste*, foi um espaço onde Zulmira também atuou. Criada no ano de 1939, por Zulmira Canavarros e Jericy Jacob¹⁷, “em improvisado estúdio na casa de Jericy Jacob, na rua Barão de Melgaço, depois transferido para um pequeno galpão, próximo a torre de transmissão, levantados no quintal da casa de Zulmira Canavarros, na rua do livramento, que hoje leva seu nome”.¹⁸

Zulmira Canavarros escreveu sozinha e também em parceria com Ulisses Cuiabano, Franklin Cassiano da Silva e Firmo Rodrigues peças teatrais. Um dos locais de maior intensidade dessas apresentações cênicas foi o Cine Teatro Cuiabá, como bem descreve Dorileo:

Em 1942, Júlio Müller (...), inaugura o cine Teatro Cuiabá, dentro de tantas obras gigantescas, Zulmira no Palco da maior sala de espetáculos do Centro-Oeste, ensaia e dirige “Cala boca Etelvina”, comédia de

armando Gonzaga da Silva, em sessão inaugurativa. Dirigiu tantas outras peças de consagrados teatrólogos brasileiros; e , da sua autoria, outras como “Vítimas do progresso” e “Frutos da época”, No Jubileu de Prata de Dom Aquino Corrêa, por ocasião do primeiro congresso Eucarístico de Cuiabá, em 1952, dirigiu “A feia”, de Paulo Ferreira, merecendo do aplaudido Procópio Ferreira os encômios mais abertos. Teria sido sua última atividade teatral mais destacada.¹⁹

Para a pianista Benedita Deschamps Rodrigues, cognominada de *Dunga*, Zulmira Canavarros pode ser considerada um gênio musical em Mato Grosso, e uma das maiores incentivadoras da música no Estado, conforme podemos atestar em seu depoimento:

Nas músicas Zulmira revelava sua genialidade, na proximidade dos vários ritmos, segundo a exigência dos personagens focalizados no palco. Muitos versos de Franklin Cassiano da Silva e de Indalécio Proença foram musicados pela espontaneidade e genialidade de Dona Zulmira. Os ritmos eram muito inspirados e de sabor regional. Por exemplo: as toadas caipiras, traziam o sabor das matas e do luar. As danças, lembravam os requebros primitivos, os pés no chão. A melodia trazia os eflúvios da mata e os meneios caboclos, bem brasileiros. Eram músicas simples não resta dúvida, porém de ritmo vários, nas quais sua genialidade imprimia um sabor da terra, de autenticidade, que só os gênios sabem criar.²⁰

Ao levarmos em consideração a fala de Benedita Deschamps Rodrigues, podemos aventar que as músicas compostas por Zulmira Canavarros eram inspiradas na cultura regional. Zulmira Canavarros, compunha e executava com criatividade e espontaneidade, músicas ritmadas como sambas, dobrados, marchinhas e quadrilhas apresentadas nas atividades culturais da cidade e nos saraus líteros-musicais.

Igualmente deve-se registrar que em estúdio no Rio de Janeiro, a convite de um amigo, quando estava em férias com a família, Zulmira gravou algumas poucas músicas com a filha Maria Canavarros: um solo de piano “Luar cuiabano”, e algumas outras cantadas por sua filha, incluindo o “Hino do Mixto Esporte Clube”, além de: “Jamais te esquecerei”, sucesso nacional da época e um samba de sua autoria “Saudade” . Para Dorileo, uma de suas canções sertaneja de maior sucesso foi *Soffrê num pode* (Letra de Franklin Cassiano da Silva e Música de Zulmira Canavarros), que foi gravada por Valdomiro Lobo. Cabe aqui a indagação - por que tais músicas não cruzaram fronteiras, não fizeram sucesso na capital, Rio de Janeiro?

As músicas e canções de Zulmira Canavarros, são a expressão do ambiente social e cultural, a qual estava intimamente ligada, a exemplo disto, temos as Músicas Clube Feminino (1928) e Mixto Sport Club (1934), que foram dedicadas as agremiações criadas por ela. A visão de mundo sem separações e de igualdades entre homens e mulheres, fica atestada na música “Trio Infernal”, que ao falar de raças (cor): “mulata”, “loirinha” e “morena”; demonstra a sensibilidade da compositora em busca por um mundo “Mixto”.

As músicas de Zulmira Canavarros trazem, um ar bem humorado e contagiante, onde percebe-se também afirmativas de liderança. No teatro, boa parte da sua produção, e até mesmo do que dirigiu de outras pessoas, refere-se a comédias e sátiras.

Os depoimentos realizados atestam que Zulmira Canavarros reunia-se todas as quartas-feiras com artistas e músicos em sua residência. Estes músicos eram em sua maioria homens, os quais, tal como Zulmira Canavarros, encontravam-se pelo simples prazer de tocar e ouvir uma boa música, derivando daí “*A Orquestra dos Quartas*”, cujas reuniões, eram acompanhadas pelos amantes da música.

O Centro Artístico e Musical de Cuiabá criado em 1947, liderado pelo Conjunto Serenata, também recebia as contribuições musicais de Zulmira Canavarros. Em 1948, Zulmira Canavarros torna-se vice-presidente do Centro Artístico e musical de Cuiabá, com sua nova sede nos salões do Cine Teatro Cuiabá. Em 1949 é eleita presidente de Honra. No ano de 1950, também no Centro Artístico e Musical, passa a ministrar cursos de teoria musical e de arte poética, juntamente com Alexandre da Silveira.

Dentre várias atuações de Zulmira, citamos aqui: sócia colaboradora do Grêmio Literário “Júlia Lopes”, fundado em 1916, encarregada de dirigir a “Hora Literária” e organizar todo programa na parte musical e literária.

Se na época, estava reservado à mulher o ser mãe, como representação mais “perfeita” e “idealizada” para definir a esfera que a mulher deveria estar ligada, Zulmira Canavarros, viveu entre as esferas pública e privada. Ao que consta, ao dedicar-se grande parte de sua vida à arte, não chegou a abdicar-se da vida de mãe e esposa.

Zulmira Canavarros faleceu no dia 14 de Setembro de 1961, tendo sido sepultada no Cemitério da Piedade, em Cuiabá. Poucos anos após o seu falecimento, em 1968, a Câmara Municipal de Cuiabá aprovou o Projeto da Vereadora Maria Nazaré, que transformava o nome da antiga Rua do Livramento em *Rua Professora Zulmira Canavarros*. A placa que tem o seu nome estampado, encontra-se assentada no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso – CEFET, ex-Escola Técnica Federal de Mato Grosso, onde atualmente trabalha o seu neto mais velho, Gilberto Luiz Nasser Canavarros, que coincidentemente é professor de artes cênicas.

Notas

¹ A palavra “*Mixto*”, grafada com **x**, faz referência a uma agremiação esportiva fundada em 1934 por Zulmira Canavarros, demonstra muito da visão de mundo da artista, que procurava congregar em um espaço único homens e mulheres sem preconceito e discriminação.

² Tema inspirado no projeto de dissertação de mestrado “*Entre a esfera privada e a esfera pública: aspectos da vida e da trajetória artística de Zulmira Canavarros em Cuiabá (1895-1961)*”, que apresentei ao Programa de Pós-graduação, Mestrado em História da Universidade Federal de Mato Grosso.

³ Aluna do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em História da Universidade Federal de Mato Grosso, orientanda do Prof. Dr. Fernando Tadeu de Miranda Borges.

⁴ Como Chiquinha Gonzaga e Dolores Duran na música, Júlia de Almeida Lopes na literatura, Tarsila do Amaral na pintura e Maria Jacintha na dramaturgia. Maria Bernadette Porto & Lívia de Freitas Reis & Lúcia Helena Vianna (Orgs). VII *Seminário - Mulher e Literatura*. Vol 1. Niterói-RJ: EdUFF, 1999, 800 p.

⁵ Eni de Mesquita Samara. *As mulheres, o poder e a família*. São Paulo, século XIX. São Paulo: Marco Zero, p. 106 e 112p.

⁶ Cynthia Roncaglio. *Pedidos e recusas: mulheres, espaços, espaço público e cidadania*. Curitiba: Pinha. 1996, p. 9

⁷ Guacira Lopes Louro. Mulheres na sala de aula. IN: DEL PRIORE, Mary (org). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto: Unesp, 1997, p. 466

⁸ Mary Del Priore. História do cotidiano e da vida privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAIFAS, Ronaldo. *Dominios da História: ensaios de teoria e de metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. 508 p.

⁹ Marina Maluf e Maria Lúcia Mott. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAIS, Fernando A. (coord) e SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil República: da Belle époque a era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998, p. 374

¹⁰ Benedito Pedro Dorileo. *Centenário da Egéria cuiabana*. Cuiabá: Gráfica Genus. 1995, p. 15.

¹¹ A Sociedade Dramática Amor a Arte foi fundada a 03 de Julho de 1887, pelo Comendador Henrique José Vieira, que foi o primeiro presidente. Localizava-se atrás da Catedral Basílica do Senhor Bom Jesus de Cuiabá.

¹² Benedito Pedro Dorileo. *Centenário da Egéria Cuiabana*. Cuiabá: Gráfica Genus, 1995, p. 17.

¹³ Danglars Canavarros nasceu em 25/03/1888, e faleceu em 24/09/1966.

¹⁴ Dom Francisco de Aquino Corrêa, foi Arcebispo de Cuiabá e Presidente do Estado de Mato Grosso. Sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, do Instituto Histórico de Mato Grosso e da Academia Matogrossense de Letras. Nasceu em Cuiabá no ano de 1885, e faleceu em São Paulo no ano de 1956.

¹⁵ Aníbal Alencastro. *Anos Dourados de Nossos Cinemas*. Ed. Séc. Cultura – MT, 1996.

¹⁶ Marta Catunda. *Algumas canções carnavalescas*. Cadernos cuiabanos – 9. Cuiabá: UFMT, 1978, 42p.

¹⁷ João Jacob (Jercy Jacob), professor, poeta, músico, compositor e técnico em radioeletricidade.

¹⁸ Benedito Pedro Dorileo. *Egéria Cuiabana*. São Paulo: Vaner Bicego, 1976, p.70.

¹⁹ Benedito Pedro Dorileo. *Centenário da Egéria cuiabana*. Cuiabá: Gráfica Genus, 1995, p. 19.

²⁰ Benedita Deschamps Rodrigues. *Músicas em Cuiabá pequeno ensaio*. 58 f. Monografia (Especialização em Música Brasileira) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá.